ISSN: 2358-8829

# TERRITÓRIO COMO LABORATÓRIO PEDAGÓGICO: A VISITA TÉCNICA COMO METODOLOGIA ATIVA NA FORMAÇÃO DO GUIA DE TURISMO

Juliana Nicácio de Araújo[1]

## INTRODUÇÃO

A formação do Guia de Turismo envolve conhecimentos que ultrapassam a identificação de atrativos e a transmissão de informações aos visitantes. Exige compreender os territórios, reconhecer suas particularidades e desenvolver a capacidade de interpretar realidades distintas. Aproximar os estudantes das situações concretas da profissão representa, portanto, uma dimensão importante da prática docente, especialmente quando se busca uma formação que faça sentido para quem aprende.

Na Educação Profissional e Tecnológica, essa aproximação assume particular relevância. Ciavatta (2005), ao discutir a formação integrada, chama atenção para a necessidade de compreender a educação para além do preparo imediato para uma ocupação. Essa perspectiva ajuda a pensar a formação do Guia de Turismo como um percurso que articula conhecimentos técnicos, experiências e compreensão crítica da realidade.

No cotidiano do curso, um desafio recorrente é criar condições para que os estudantes reconheçam a aplicabilidade dos conteúdos e participem ativamente das atividades. Interpretar um patrimônio, compreender a organização de um serviço ou reconhecer as características de um território são aprendizagens que ganham outro significado quando confrontadas com situações reais. O território não é apenas um conteúdo a ser estudado: é também o espaço em que os conhecimentos são mobilizados e as responsabilidades da profissão começam a se tornar mais concretas.

A visita técnica apresenta possibilidades que vão além do deslocamento para um ambiente externo à instituição. Sua contribuição depende da maneira como é planejada e das oportunidades oferecidas para observar, investigar, questionar e refletir. Estar em outro espaço, por si só, não caracteriza uma metodologia ativa. O que confere esse caráter à proposta é a participação dos estudantes na investigação e na construção de interpretações sobre aquilo que vivenciam.

[1]Senac Alagoas. Bacharela em Turismo; especialista em Gestão em Turismo e Hospitalidade; especialista em Docência do Ensino Técnico; mestranda em Tecnologias Ambientais. E-mail: profa.juliana.nicacio@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

Essa compreensão aproxima-se de Freire (1996), para quem ensinar não equivale a transferir conhecimentos, e de Kolb (1984), que reconhece a experiência e a reflexão como dimensões do processo de aprendizagem. No campo das metodologias ativas, Moran (2018) também destaca o envolvimento do estudante em situações que demandam participação e mobilização de conhecimentos.

No curso técnico em Guia de Turismo, a visita técnica pode integrar um percurso que começa na sala de aula, passa pela investigação em campo e continua no retorno à instituição. Questões orientadoras, observação, comunicação oral e debate ajudam a transformar o espaço visitado em ambiente de aprendizagem. O engajamento discente pode constituir um desdobramento desse tipo de experiência, mas a permanência escolar envolve múltiplos fatores e não será tratada como resultado comprovado neste estudo.

O objetivo deste artigo é analisar a visita técnica como metodologia ativa na formação do Guia de Turismo, considerando sua contribuição para a relação entre teoria e prática, a leitura crítica do território e as oportunidades de exercício de competências profissionais. Para aprofundar a discussão, foi selecionada uma experiência realizada em 2026 no Cinturão Verde, cuja organização pedagógica envolveu preparação, investigação orientada, apresentações orais e debate coletivo.

## METODOLOGIA

O estudo adota abordagem qualitativa, de caráter descritivo e reflexivo, e se fundamenta na sistematização de uma experiência pedagógica desenvolvida em 2026 com estudantes do curso técnico em Guia de Turismo. Trata-se de uma análise da prática docente, orientada pelo interesse em compreender como uma visita técnica pode ser organizada para favorecer a participação e a reflexão sobre situações relacionadas à formação profissional.

Foi selecionada a visita ao Cinturão Verde, desenvolvida por meio da proposta denominada Ciclo da Sustentabilidade. A escolha não teve como finalidade produzir um estudo ambiental do local, mas examinar um percurso de ensino que utiliza o território como ambiente de investigação. O planejamento contemplou três momentos articulados: preparação anterior à visita, vivência orientada em campo e socialização posterior das descobertas.

Na preparação, foram retomados conteúdos sobre sustentabilidade e suas relações com a atividade turística. Os estudantes foram organizados em quatro grupos de investigação, com os seguintes eixos: cultivo hidropônico, apicultura e polinização, reflorestamento e educação ambiental. Cada equipe recebeu questões orientadoras destinadas a direcionar a observação, a busca de informações e a reflexão sobre a atuação do Guia de Turismo.

ISSN: 2358-8829

Em campo, a turma participou de atividades acompanhadas por profissionais do espaço, com oportunidades de observação, explicação e registro de informações. O planejamento previa interação com o educador ambiental e articulação entre os temas investigados e situações profissionais. Após a visita, os grupos realizaram apresentações orais, com apoio de recursos audiovisuais, e participaram de debates em sala de aula. Não foram exigidos relatórios escritos: a sistematização da experiência ocorreu pela comunicação oral e pela discussão coletiva.

O material considerado nesta análise compreende o planejamento docente, as questões orientadoras e os registros fotográficos da visita e das apresentações, além da descrição da realização das atividades. As fotografias documentam momentos do percurso, mas não permitem, isoladamente, avaliar a qualidade das interpretações dos estudantes. A análise foi organizada em três dimensões: intencionalidade pedagógica, participação investigativa e continuidade da aprendizagem pela socialização e pelo debate.

A interpretação dialoga com a aprendizagem experiencial (Kolb, 1984), com a reflexão crítica sobre a prática educativa (Freire, 1996) e com a discussão sobre metodologias ativas (Moran, 2018). Não foram utilizados indicadores quantitativos, rubricas individuais ou transcrições das apresentações; por isso, não se pretende mensurar ganhos de aprendizagem nem estabelecer relação causal com a permanência discente.

## REFERENCIAL TEÓRICO

As metodologias ativas não se definem simplesmente pela substituição de aulas expositivas por atividades diferentes. Seu sentido pedagógico está na participação dos estudantes diante de questões que exigem investigação, interpretação e tomada de posição. Moran (2018) discute a relevância de experiências nas quais o estudante mobiliza conhecimentos e se envolve com problemas e situações concretas. Essa compreensão ajuda a distinguir uma visita meramente demonstrativa de uma atividade planejada para promover investigação.

Freire (1996) oferece outra contribuição ao valorizar a curiosidade, a autonomia e a reflexão crítica no processo educativo. Para a formação profissional, essa perspectiva significa reconhecer que o estudante não deve apenas repetir informações sobre um lugar ou serviço: precisa aprender a fazer perguntas, selecionar informações relevantes e compreender os sentidos daquilo que observa. A mediação docente continua indispensável, pois a autonomia não dispensa objetivos claros, acompanhamento e oportunidades de discussão.

Na formação do Guia de Turismo, essa distinção é especialmente importante. A profissão exige comunicação, interpretação dos lugares, atenção às pessoas e compreensão das

ISSN: 2358-8829

relações presentes na atividade turística. Uma visita pode aproximar o estudante dessas exigências, mas somente o planejamento pedagógico transforma essa aproximação em oportunidade intencional de aprendizagem.

A aprendizagem experiencial oferece elementos para interpretar esse processo. Kolb (1984) compreende a aprendizagem como transformação da experiência, envolvendo vivência concreta, observação reflexiva, elaboração conceitual e experimentação. Não se trata de afirmar que qualquer atividade de campo reproduza integralmente esse ciclo. O ponto central, para o presente estudo, é que a experiência precisa ser retomada e examinada, em vez de se encerrar no momento em que o grupo deixa o espaço visitado.

Nesse sentido, a preparação anterior orienta o olhar; a investigação em campo coloca o estudante diante de situações concretas; e a socialização posterior permite organizar informações, comparar percepções e relacionar o observado aos conteúdos curriculares. A apresentação oral também possui pertinência específica para a formação do Guia de Turismo, pois oferece uma oportunidade de exercitar a comunicação de conhecimentos diante de outras pessoas.

A ideia de território como laboratório pedagógico amplia essa discussão. Santos (2006) compreende o espaço geográfico pelas relações entre sistemas de objetos e de ações, perspectiva que convida a ultrapassar a aparência imediata da paisagem. Para o futuro guia, observar um espaço implica também perguntar como ele funciona, quais relações o constituem e como pode ser interpretado de forma responsável.

A expressão laboratório pedagógico não pressupõe um ambiente controlado, como ocorre em certas práticas experimentais. Refere-se ao potencial educativo de situações reais, marcadas por particularidades e relações que desafiam a leitura previamente construída em sala de aula. O território deixa de funcionar apenas como cenário e passa a participar da produção de perguntas e interpretações.

Ciavatta (2005) contribui para essa compreensão ao defender uma formação que não se restrinja à preparação instrumental para o trabalho. Na educação do Guia de Turismo, relacionar conhecimentos técnicos às dimensões sociais, culturais e ambientais dos espaços é parte de uma formação profissional mais ampla. Assim, o valor da visita técnica não se esgota no reconhecimento de um atrativo, mas se manifesta na possibilidade de compreender relações e responsabilidades presentes na atuação profissional.

Essas contribuições teóricas convergem em um ponto: a experiência só adquire densidade pedagógica quando é acompanhada de intencionalidade, participação e reflexão. É a partir dessa relação que a visita ao Cinturão Verde será discutida, com atenção à organização da

ISSN: 2358-8829

atividade e aos registros disponíveis, sem confundir oportunidades formativas com resultados individuais comprovados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sistematização da experiência permite identificar um percurso de ensino que ultrapassou a realização de uma saída de campo. O planejamento da atividade Ciclo da Sustentabilidade distribuiu tarefas investigativas, definiu temas para os grupos e propôs questões que relacionavam o observado à atuação profissional. As fotografias e a confirmação da realização das apresentações documentam a continuidade do trabalho após a visita. Esses elementos constituem os achados empíricos examinados nesta seção.

A primeira dimensão diz respeito à intencionalidade pedagógica. A preparação anterior e a definição dos quatro eixos de investigação deram aos estudantes referências para observar o espaço de maneira orientada. O cultivo hidropônico, a apicultura e polinização, o reflorestamento e a educação ambiental não foram tratados como conteúdos independentes do curso: funcionaram como pontos de partida para refletir sobre a interpretação de informações e sua comunicação em contextos turísticos.

Esse aspecto é relevante porque uma atividade externa pode facilmente assumir caráter apenas ilustrativo. No caso analisado, as questões orientadoras procuraram deslocar a atenção do simples reconhecimento de práticas ambientais para sua compreensão e possível aplicação profissional. Tal escolha aproxima-se do entendimento de Moran (2018) sobre atividades em que os estudantes participam da investigação e mobilizam conhecimentos, em vez de permanecerem apenas como receptores de informações.

A segunda dimensão refere-se à vivência em campo. Os registros fotográficos mostram a turma reunida em atividades externas, acompanhando explicações e utilizando materiais de apoio. Essas imagens documentam a presença dos estudantes e a realização de momentos orientados de observação. Não permitem, contudo, concluir que todos participaram com a mesma intensidade ou que desenvolveram competências em igual medida.

O aspecto pedagógico mais significativo está na relação entre a observação e a tarefa atribuída a cada grupo. Ao chegar ao espaço com um foco de investigação, o estudante encontra uma razão para prestar atenção, formular perguntas e selecionar informações. A experiência concreta, nesse caso, constitui uma oportunidade para confrontar o conteúdo estudado com uma realidade que não se apresenta organizada como um capítulo de livro. Essa leitura dialoga com Kolb (1984), especialmente na relação entre vivência e reflexão.

ISSN: 2358-8829

A terceira dimensão, decisiva para compreender a proposta, foi a continuidade após o retorno à sala de aula. As apresentações orais ocorreram com apoio de recursos audiovisuais, conforme demonstram os registros fotográficos. Os debates posteriores, confirmados na sistematização da experiência, possibilitaram retomar os temas investigados e compartilhá-los com os demais estudantes. Assim, a atividade não terminou no espaço visitado: houve uma etapa destinada à comunicação e à reflexão coletiva.

As apresentações têm uma pertinência que ultrapassa a avaliação de conteúdos. Na formação do Guia de Turismo, organizar explicações e comunicar informações a um público são capacidades diretamente relacionadas à profissão. Ao expor o trabalho aos colegas, cada grupo teve a oportunidade de exercitar essas práticas em ambiente educativo. A realização da apresentação, porém, não deve ser confundida com prova de domínio comunicacional: sem gravações, transcrições ou instrumentos avaliativos específicos, não é possível qualificar individualmente o desempenho alcançado.

A experiência também evidencia o papel da mediação docente. A participação não surgiu apenas porque os estudantes foram levados a outro ambiente; foi favorecida por decisões anteriores sobre objetivos, divisão de tarefas, questões de investigação e retomada dos conteúdos. Nessa perspectiva, a autonomia discente discutida por Freire (1996) se relaciona a uma prática orientada, que abre espaço para a iniciativa do estudante sem abandonar a responsabilidade pedagógica do professor.

O conjunto dos registros permite afirmar que a proposta foi executada em suas etapas principais e que criou oportunidades de observação, investigação, comunicação oral e debate. Permite ainda reconhecer uma relação pertinente entre essas atividades e as exigências formativas da profissão. Não permite, por outro lado, mensurar ganhos individuais, demonstrar mudanças duradouras de comportamento ou atribuir à visita efeitos sobre indicadores de evasão e permanência.

A delimitação desses resultados não reduz a relevância da experiência. Ao contrário, torna mais claro o que ela efetivamente oferece à reflexão sobre a Educação Profissional: um exemplo de como o território pode integrar o currículo por meio de uma sequência planejada, na qual a experiência de campo é acompanhada de tarefas e retomada crítica. É essa organização, e não a singularidade do local visitado, que sustenta a interpretação da visita técnica como metodologia ativa.



Figura 1 – Vivência orientada em campo.
Fonte: acervo da autora (2026).



Figura 2 – Apresentação oral dos estudantes.
Fonte: acervo da autora (2026).



Figura 3 – Socialização dos trabalhos em apresentação oral.
Fonte: acervo da autora (2026).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da experiência realizada no curso técnico em Guia de Turismo permitiu refletir sobre a visita técnica como metodologia ativa e sobre a importância de integrar diferentes momentos do processo de aprendizagem. O principal resultado da sistematização não está na simples realização da visita, mas na identificação de um percurso que articulou preparação, investigação em campo, apresentação oral e debate.

A experiência do Cinturão Verde mostrou como um tema específico pode ser utilizado para mobilizar práticas formativas mais amplas. Ao receberem questões orientadoras, os estudantes tiveram oportunidades de observar e buscar informações com um propósito definido. Ao apresentarem os trabalhos e participarem da discussão posterior, encontraram espaço para comunicar e retomar aquilo que foi vivenciado. Essas etapas se relacionam a exigências

importantes da formação do Guia de Turismo, especialmente a interpretação e a comunicação de informações.

A prática também reforça a importância da mediação docente. Uma visita não se torna ativa apenas porque acontece fora da sala de aula. Sua contribuição depende dos objetivos estabelecidos, das tarefas propostas e da continuidade dada à experiência. O território assume a condição de laboratório pedagógico quando deixa de ser apenas cenário e passa a integrar a investigação e a reflexão sobre o exercício profissional.

Os registros analisados documentam a realização do percurso, mas não permitem medir avanços individuais de aprendizagem ou efeitos sobre a permanência discente. Em novas experiências, instrumentos simples de acompanhamento poderão aprofundar a avaliação sem comprometer a natureza participativa da proposta.

Conclui-se que a visita técnica, integrada ao planejamento curricular e acompanhada de investigação e reflexão, oferece uma possibilidade consistente de aprendizagem ativa na Educação Profissional. Sua força pedagógica está em aproximar os estudantes da realidade da profissão e em criar condições para que os conhecimentos trabalhados em sala de aula sejam observados, questionados e comunicados em situações concretas.

## REFERÊNCIAS

CIAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. Revista Trabalho Necessário, v. 3, n. 3, 2005. DOI: 10.22409/tn.3i3.p6122.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KOLB, David A. Experiential learning: experience as the source of learning and development. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1984.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (org.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 1-25.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.